

No tear imaginário, fios e tramas de memórias

Josefa Martins da Conceição (UFRPE) - cmartins3012@gmail.com

Resumo:

Relato da experiência vivenciada através do Projeto UFRPE 100 anos, do Núcleo de Conhecimento Professor João Baptista Oliveira dos Santos da Biblioteca Central da UFRPE, que consiste na coleta de informações a partir da história oral, utilizando entrevistas gravadas e posteriormente recuperadas numa inusitada interação entre bibliotecária/entrevistadora e entrevistados. As histórias de vida rememoradas e relatadas nas entrevistas de 07 representantes do corpo docente e dos servidores da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) trazem consigo uma dimensão humana, um 'olhar' comprometido com a Universidade, que possibilita o resgate, a preservação e a socialização da memória institucional e deixa à mostra as competências, habilidades e responsabilidade sociocultural do profissional da informação no atual cenário da sociedade da informação e do conhecimento.

Palavras-chave: *Biblioteca Universitária. Histórias de Vida. Memória Institucional.*

Área temática: *Temática II: Transcompetências: diferenciais dos usuários e do profissional da informação*

No tear imaginário, fios e tramas de memórias

Resumo:

Relato da experiência vivenciada através do *Projeto UFRPE 100 anos*, do Núcleo de Conhecimento Professor João Baptista Oliveira dos Santos da Biblioteca Central da UFRPE, que consiste na coleta de informações a partir da história oral, utilizando entrevistas gravadas e posteriormente recuperadas numa inusitada interação entre bibliotecária/entrevistadora e entrevistados. As histórias de vida rememoradas e relatadas nas entrevistas de 07 representantes do corpo docente e dos servidores da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) trazem consigo uma dimensão humana, um 'olhar' comprometido com a Universidade, que possibilita o resgate, a preservação e a socialização da memória institucional e deixa à mostra as competências, habilidades e responsabilidade sociocultural do profissional da informação no atual cenário da sociedade da informação e do conhecimento.

Palavras-chave: Biblioteca Universitária. Histórias de Vida. Memória Institucional.

Área Temática II: Transcompetências: diferenciais dos usuários e do profissional da informação.

1 INTRODUÇÃO

A trajetória histórica da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) possui uma farta documentação escrita, nem sempre fácil de recuperar. Possui também uma dimensão humana, uma história de 'sujeitos', cuja oralidade dos relatos das suas vivências extremamente ricas, em sua essência, são a própria instituição, pois quem constrói a instituição são as pessoas. João Baptista, José Adolfo, Terezinha Gayão, Osvaldo Martins, Manoel Francisco, Altemiro Ventura e Waldecy Pinto, assim alocados, dispostos nessa ordem sequencial, são nomes que nos revelam vestígios, pistas e sinais. São nomes que, desvelados, representam fios que, quando dispostos no tear imaginário, se entrelaçam e fazem a urdidura de uma trama histórica. Nomeação e memória se enlaçam. Possibilitam a composição de um entrelace que revela a vida.

Garimpar essas memórias tem se constituído um texto costurado pelos ecos de um passado recente. Ao ouvir, ouvir e ouvir essas relembrações, atuamos como

mediadora, pois, ao fazer esse resgate, possibilitamos ao Núcleo do Conhecimento Prof. João Baptista Oliveira dos Santos que, dessa forma, vem agregando valor à Biblioteca Central da UFRPE, desenvolver ações conjuntas para o resgate da memória institucional, recontando a história da Universidade através dos depoimentos das pessoas que fizeram e fazem parte dela, trazendo à luz a evolução dessa Instituição ao longo dos 100 anos de existência.

O desenvolvimento dessa atividade, em nossa prática bibliotecária, vem se aliar em nosso dia-a-dia a outros projetos com os quais promovemos a rememoração, a inserção social e a extensão universitária, tais como: “Roda da Memória”, “Mesa Redonda Gênero no Mundo Rural Contemporâneo” e “Exposições Cientistas da UFRPE”. Vivenciamos, praticamos, resgatamos, preservamos e tornamos pública a memória individual e coletiva da UFRPE e, a partir dela, buscamos compreender cada um dos personagens em relação à sua história e, principalmente, em relação ao grupo ao qual pertence e ao seu lugar na rede social. Assim, através das lembranças, viemos captando o significado mais profundo das memórias de docentes e servidores.

Mesmo com fios que podem arrebenhar à evocação de tempos passados e de momentos vividos, acreditamos que essas memórias, através dos relatos das histórias de vida que atentamente escutamos, compreendem “a lembrança pura, que se atualiza na imagem-lembrança, pois resgata a consciência de um momento único, singular, não repetido, irreversível da vida”, conforme Bosi (1994). Ousadia e inovação formam o fio condutor, instrumento dessa reconstrução. Com ele, tal qual uma fiandeira que gosta de ouvir e contar histórias, utilizamos o tear imaginário existente no Núcleo do Conhecimento para nele tecer a urdidura dessa trama histórica. Nele, entrelaçamos sete fios de formatos, texturas e cores diferentes e, em conjunto com esses homens e mulheres, trazemo-las ao olhar contemporâneo como modelos de papéis masculinos e femininos por considerarmos que a divulgação das suas histórias de vida e de seus feitos se entrelaça com a Universidade, formando uma história singular.

Acerca desses sete entrevistados, nosso olhar utiliza uma nova lente através da qual começamos a enxergar a ação, o cotidiano, as regras não ditas, a vida. O resultado tem sido muito interessante, pois evidencia o intenso relacionamento do

gênero com a política, com as hierarquias sociais, com os contextos econômicos e a sua participação nos eventos históricos. Observamos, através de suas narrativas, as mudanças ocorridas no âmbito da Universidade e, sobretudo, no comportamento dos seus contemporâneos.

2 Trançando os fios no tear da informação

Sempre entendemos o bibliotecário – esteja ele no exercício de funções gerenciais ou técnicas, como um profissional do conhecimento – aquele capaz de organizar, preservar e tornar acessíveis informações que serão apropriadas e reapropriadas pela sociedade – mas, especialmente, como profissional antenado com a realidade social na qual está inserida a biblioteca onde atua – dos mosteiros da Idade Média às bibliotecas do atual contexto global - capaz de atender as necessidades da contemporaneidade. O Século XXI chegou trazendo consigo novos paradigmas representados em conceitos como Sociedade do Conhecimento, Redes de Conhecimento, Novas Tecnologias e, por que não dizer, Novas Competências. Demanda por competências profissionais ousadas e inovadoras que, em sua essência, sejam capazes de se adaptarem aos tempos hodiernos. Uma nova categoria – os profissionais multidisciplinares - que tem facilidade de se comunicar com outros campos do conhecimento e é capaz de mediar e interagir com diversas atividades e saberes.

Eis o perfil do Núcleo do Conhecimento. Nele, enquanto bibliotecária/profissional da informação, transitamos e mantemos parcerias com as mais diversas áreas da Universidade, mais especificamente com a Agronomia, a Medicina Veterinária, a História, a Educação, a Extensão Universitária e a Antropologia. Estudamos, trabalhamos e, apaixonadas pela Memória, tal qual uma fiandeira ou uma tecelã que, pacientemente, busca, na diversidade dos fios, tecer a trama, buscamos revelar os labirintos dessa memória, seja ela, individual, coletiva ou social.

Nessa linha de pensamento, desde 2004, temos em nosso cotidiano praticado o ato do ouvir, ouvir e ouvir. Passada quase uma década, no momento da

celebração dos 100 anos da criação dos Cursos de Ciências Agrárias em Pernambuco, que originaram essa jovem-velha Casa de Ensino Superior, somos e continuamos tecelãs da memória afetiva da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Nesse cotidiano, transformamo-nos em mediadoras dessa memória individual e coletiva que exercita nossa imaginação e oxigena nossas ideias. Preservada, certamente, numa espécie de relicário pessoal e institucional, representa um memorial feito de lembranças e reminiscências que alimentam o nosso presente. Memória com cheiro de vida, pulsante, que abriga o que fomos e o que somos. Inspira o que seremos. Por um lado, enquanto tecelãs dessa memória coletiva, imaginamos os tempos pretéritos fragmentados e, muitas vezes, contraditórios dessa história. Por outro, somos parte atuante e escrevemos também essa história coletiva do presente. Em nosso dia-a-dia, tecendo com esses fios, revisitamos o labirinto da história da UFRPE.

Muitos outros fios, certamente, ainda serão acolhidos nesse tear e, conosco, retroceder no tempo. Nesse contexto, trazemos a público o relato de uma de nossas experiências cotidianas, “o tear imaginário”, que acontece e agrega valor à Biblioteca Central da UFRPE a partir de um grupo de parceiros, alguns já falecidos – folhas da árvore da vida que se foram levadas pelo vento - fios de memória que permitem um simbólico trançado que revela a História Individual e Institucional, fomentando o conhecimento e gerando cidadania, possibilitando à biblioteca, enquanto espaço democrático de debate, disseminação e criação do conhecimento, o simbólico entrelace das emoções e dos sonhos através das narrativas dessas vidas, que permitem observar a inusitada trama da ciência intercalada com o humano na era da tecnologia.

É assim que buscamos renovar a Biblioteca Central da UFRPE: interagindo com outras competências, desenvolvendo novos formatos de atividades, ouvindo atentamente o passado, preservando-o a fim de torná-lo de acesso público, eis o nosso fazer bibliotecário. Como salienta Cury (2001), a biblioteca universitária como repositória desse conhecimento é o espaço de sociabilidade, lugar onde os indivíduos interagem entre si e se comunicam. Local de quebra de paradigmas e conceitos pré-estabelecidos, propício à criação, armazenamento e circulação do conhecimento. Nele, nós, bibliotecários, habituados aos tradicionais serviços de

catalogação, classificação e indexação, começamos a nos metamorfosear, aliando ao guardião da memória impressa e disseminador da informação o papel de mediador do conhecimento e agente de interação humana.

3 Fios de diferentes espessuras, cores e formatos

Segundo Benjamin (1994), “habitar” “significa deixar rastros”, e nas lembranças desses nossos convidados esses rastros se adensam. Essas vozes ecoam, mas, ao longo do tempo, nem todas foram ouvidas. Durante muito tempo, foram silenciadas e estavam à espera de alguém que se dispusesse a ouvi-las. A partir de 2004, decidimos resgatar e preservar a memória da UFRPE a partir da oralidade. Tomamos para nós esta emocionante tarefa e passamos a ouvir, ouvir, ouvir... No entanto, aproximadamente 70% da comunicação humana é não verbal. Nessa prática do ouvir, é importante também entender que o ser humano em sua postura reflete conforto ou desconforto físico ou psicológico, tais como: tensão, ansiedade, tédio, desinteresse, alegria, etc. Da mesma forma, de acordo com Weil e Tompakow (1986) os gestos ilustram e enfatizam o discurso. Com base nessas premissas, cuidadosamente, passamos a olhar e enxergar nossos entrevistados com maior acuidade e atenção durante os encontros/entrevistas dessa nova prática interdisciplinar desenvolvida no espaço da Biblioteca.

Muitas vezes, recebemos nossos entrevistados no Núcleo do Conhecimento na Biblioteca Central, em outros momentos, quando a saúde os impede de se deslocarem até a UFRPE, os encontramos em suas residências, onde passamos horas ouvindo, gravando, fotografando. Posteriormente, transcrevemos suas falas e lhes apresentamos o resultado das suas narrativas, lhes agradecemos a confiança, o aprendizado, a emoção, o carinho e a atenção, uma vez que conosco passaram à salutar atividade do lembrar, pois é na lembrança que ocorre o encontro de si mesmo e da sua identidade apesar do tempo e dos fatos vividos, Bobbio (1997).

Hoje, decorridos nove anos do exercício do ato de ouvir, simbolicamente sentada diante do tear imaginário, o fio dessas memórias ganha um novo formato ao ser manuseado e ao resgatar essas importantes figuras da história institucional.

Através desses nomes, ou seja, pela nomeação, as coisas não existentes ganham vida e recompõem um mosaico de histórias que ficaram suspensas ao longo do tempo. Nomes simbolizam fios que representam memórias individuais com as quais tecemos a trama da memória coletiva da UFRPE, os quais relacionamos a seguir:

JOÃO BAPTISTA OLIVEIRA DOS SANTOS

(1932 – 2004)

Engenheiro Agrônomo e Reitor de 1987 a 1991

Engenheiro Agrônomo pela Escola Superior de Agricultura da Universidade Federal de Pernambuco, colou grau na Turma de 1955, dedicou 53 anos de vida à UFRPE, onde ocupou diversas funções e recebeu diversas homenagens e premiações. Imortal da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica (APCA), da qual foi Vice-Presidente por um longo período. Ferrenho defensor da memória da UFRPE, durante seu reitorado na Universidade Federal Rural de Pernambuco, no período de 1987 a 1991, criou o “Memorial Casa Prof. Ivan Tavares” para abrigar, preservar e socializar toda a documentação histórica dessa Instituição. No ano de 2004, tornou-se nosso primeiro parceiro ao nos procurar na Biblioteca Central e nos convidar para com ele realizar o trabalho hercúleo de resgate histórico da UFRPE. Nessa época, acabávamos de retornar do Mestrado em Comunicação e ocupávamos um espaço no andar térreo da Biblioteca. Decidimos que utilizaríamos a história oral através do resgate das suas memórias. Infelizmente, as Moiras interferiram e o Prof. Dr. João Baptista, carinhosamente, chamado “O Gordo”, foi acometido por um tipo de agressivo de câncer que o deixou debilitado rapidamente. Mesmo assim, durante alguns meses, tivemos a alegria de recebê-lo nos dias 05, 13 e 26 de março de 2004. No dia 14 de agosto de 2004, compareceu em sua cadeira de rodas pela última vez, tomando seus medicamentos, mas sempre atento e dono de uma rica memória, gravou suas lembranças sobre sua vida e sobre a UFRPE, sua amada instituição. As Moiras cortaram o fio do seu destino em 08 de outubro de 2004, aos 72 anos de idade. Em sua homenagem, o Prof. Dr. Valmar Corrêa de Andrade, então Reitor da UFRPE, acatando nossa sugestão, criou o Núcleo do Conhecimento Prof. João Baptista Oliveira dos Santos – *O Maior Amigo dos Amigos*

da Rural – inaugurado em 22 de dezembro de 2004, espaço onde passamos a da continuidade às nossas atividades.

JOSÉ ADOLFO PESSOA DE QUEIROZ

(1907- 2009)

Engenheiro Agrônomo e Empresário

Ingressou, aos 17 anos, no Curso de Agronomia em 1924 na Escola Superior de Agricultura São Bento, mantida pelos Monges Beneditinos no Engenho São Bento, Município de Tapera, Pernambuco, atual UFRPE, colou grau na turma de 1927. Alcançou o patamar de Engenheiro Agrônomo mais longevo dessa Universidade, e quiçá desse País, vindo a falecer em 2009, com exatos 102 anos de idade. Ao narrar sua história de vida, José Adolfo trouxe à tona o saudoso período da Escola Superior de Agricultura "São Bento" em sua fase beneditina localizada no Engenho Tapera no Vale do Tapacurá. De memória privilegiada, porém com dificuldade de locomoção, não foi possível se deslocar até à Biblioteca, fato que nos levou a visitá-lo em sua residência para entrevistá-lo no dia 03 de novembro de 2005, aos 98 anos de vida. Foi uma emoção o encontro com essa singular e, ao mesmo tempo, universal figura humana. Suas memórias, reminiscências e história de vida alimentam o presente da escrita da história dessa Instituição.

MANOEL FRANCISCO DE MORAES CAVALCANTI

(1931 -)

Médico Veterinário e Reitor de 1991 a 1995

Médico Veterinário formado na turma de 1960 pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Professor Adjunto, exerceu a Direção da Escola Superior de Medicina Veterinária entre 1974 e 1975, foi também Diretor do Departamento de Zootecnia. Assumiu a Reitoria no período de 28 de fevereiro de 1991 a 28 de fevereiro de 1995. Esteve conosco nos dias 12 de novembro de 2004, 17 de fevereiro, 25 de março e 14 de abril de 2005, do alto de seus 74 anos rememorando com entusiasmo o tempo e a vida que passou.

TEREZA DE JESUS CORREIA GAYÃO LORETO

(1926 -)

Engenheira Agrônoma e Cientista

Pioneira do Curso de Agronomia da Escola Superior de Agricultura de Pernambuco – ESAP, ingressou na Escola no ano de 1946, tendo sido a única mulher de uma turma composta por 22 alunos e quarta a colar grau como Engenheira Agrônoma em Pernambuco. Convidada a comparecer ao Núcleo para esse trabalho de rememoração, prontamente atendeu nosso convite e com imensa alegria a recebemos com a sabedoria dos seus 80 anos, no dia 13 de abril de 2006. Especialista em Fitopatologia, Pesquisadora e Orientadora do CNPq, desvendou o véu de Iris ao publicar naquela época 103 trabalhos científicos.

ALTEMIRO VENTURA

(1925 -)

TOPÓGRAFO APOSENTADO DA UFRPE

Servidor que dedicou cerca de 40 anos à Universidade. Atualmente, apesar de aposentado, o Sr. Altemiro Ventura logo atendeu ao nosso convite e com grande desprendimento, apesar dos 84 anos de vida, se deslocou de sua residência até o Núcleo do Conhecimento nos dias 20 de maio de 2009 e posteriormente, nos dias 08 e 21 de julho de 2009 e 13 de outubro do mesmo ano. Foram momentos de grande emoção, pois se sentia muito orgulhoso ao saber que as entrevistas que estava nos concedendo seriam utilizadas no Livro “Prédio da Reitoria da UFRPE: 1935-2009”, organizado sob nossa responsabilidade em parceria com a Profa. Dra. Rosário Leitão, lançado em dezembro de 2013, durante as celebrações do Centenário da UFRPE.

OSVALDO MARTINS FURTADO DE SOUZA

(1920 -)

Engenheiro Agrônomo e Professor Aposentado da UFRPE

Engenheiro Agrônomo formado pela Escola Superior de Agricultura de Pernambuco – ESAP, atual UFRPE, na turma de 1946. Membro Titular da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica. Durante sua jornada profissional foi Diretor

durante 10 anos, do Aprendizado Agrícola, posteriormente, Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Convidado para rememorar o importante período do Aprendizado Agrícola, prontamente aceitou nosso pleito, contudo, em virtude de dificuldades de locomoção, nos deslocamos até sua residência em duas visitas realizadas nos dias 05 de dezembro de 2012 e 15 de março de 2013, a fim de gravar seus depoimentos/entrevistas, uma vez que nosso entrevistado, no auge dos seus 92, 93 anos, se colocou à nossa disposição com a maior boa vontade e entusiasmo.

WALDECY FERNANDES PINTO

(1936 -)

Arquiteto e Professor

Reitor de 1983 – 1987

Arquiteto formado pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Membro Titular da Academia Pernambucana de Ciências. Professor Titular da UFRPE, assumiu a reitoria de 1983 a 1987, promovendo uma gestão participativa e inovadora. Sempre atencioso e acreditando nas ações do Núcleo, aos 76 anos, atendeu nosso convite e quase que imediatamente nos concedeu esta entrevista realizada na Biblioteca Central no dia 1º de agosto de 2012, objetivando lembrar seu reitorado para fins da escrita do “Livro Uma História Centenária Escrita a Muitas Mãos”, que estamos organizando em parceria com a Profa. Dra. Rosário Andrade, com lançamento previsto para dezembro de 2013.

4 Fio a fio, uma urdidura em construção, nos estimula à reflexão

Um tear imaginário está posicionado. Nele, dispomos fios de forma que facilitem seu entrelace na dimensão contraditória do cotidiano no contemporâneo espaço da biblioteca. Diante dele, nossos olhos leem a vida e o mundo. Definem suas cores, traçam suas formas, dimensionam seus movimentos. Leem as pessoas. Nossos olhos observam e enxergam detalhes. Nossas mãos que semeiam e

colhem. Afagam os amigos e debulham os grãos. Misturam ingredientes e preparam o pão. Também conduzem e perpassam o fio na arte do fiar e tecer.

Nessa história, como em muitas outras, é o coração que percebe o invisível da vida e do mundo através das vozes que ultrapassaram o silêncio. Penetra em seus mistérios, aprofunda suas tramas, inventa seus sentimentos, descobre a magia que envolve a aventura humana. O visível e o invisível fazem parte desta história individual e coletiva. São inseparáveis.

Sob essa perspectiva, capitaneamos e, por que não dizer, participamos também dessa trama como agente histórico desse tempo e lugar. Atuamos como observadora e mediadora no espaço da biblioteca. Por outro lado, nossos convidados/entrevistados gentilmente se dispuseram a deixar à mostra seu amor pela UFRPE nessa salutar atividade do rememorar.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. "O narrador", em **Magia e técnica, arte e política**. 7a ed.. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 205.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória**: de Senectute e outros escritos. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p 30-31.

BOSI, Ecléia. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003 p. 26

CURY, Maria Catarina et all. O bibliotecário universitário: representações sociais da profissão. **Informação & Sociedade/ Estudos**. João Pessoa, v.11, n.1, p. 86-98, 2001.

WEIL, Pierre; Tompakow, Roland. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986. 288 p.